

União para vender o peixe

Lago Paranoá ganha cooperativa de pescadores, que busca apoios para obter infra-estrutura e ampliar quadro, hoje com 29 associados

Rogério dy la Fuente
de Brasília

Poderia ser história de novela, mas não é. Um grupo de 29 pescadores, a maioria sequer com instrução até a 4ª série do ensino fundamental e que extrai o sustento do Lago Paranoá, formou em janeiro uma cooperativa de trabalho para mudar de vida.

Inicialmente apoiados por um conjunto de instituições e empresas públicas, eles trabalham agora para obter uma estrutura mínima, composta de um atracadouro e galpão e também para ampliar o quadro de associados a partir de novos treinamentos de qualificação de pescadores profissionais.

Querem tornar-se economicamente viáveis. O cálculo mais pessimista dá a perspectiva de faturar R\$ 1,5 milhão anualmente, a partir de uma produção de mil toneladas anuais de pescado. Para isso, é necessária atividade de 250 pescadores, obtendo média diária de 15kg de peixe durante 24 dias do mês.

Ocorre que a produtividade média atual dos pescadores é de cerca de 20 kg/dia de peixe. Faltam, entretanto, área para atracar as canoas, guardá-las e um espaço para o processamento do peixe. O estudo de formação da cooperativa aponta a intenção de produzir filé de peixe, "fishbúrguer", peixe eviscerado, farinha de peixe e aproveitamento de couro.

O estudo de viabilidade do negócio aponta a necessidade de um galpão de 500 metros quadrados (m²) em um terreno de 900 m². A intenção é fechar o primeiro ano de atividades com 100 cooperados e uma produção de 432 toneladas e chegar ao terceiro ano com 250 associados e produção de 1.080 toneladas de pescado. O investimento total em instalações e equipamentos foi fixado em R\$ 198 mil. Parte

Foto: Rogério dy la Fuente



Geraldo Figueredo (E) preside a Cooperlap e acredita que é necessário também ampliar a área para a pesca se tenta obter a fundo perdido.

Uma outra vantagem do grupo de pescadores integrante da Coopelap, além da produtividade, é o envolvimento pessoal de técnicos de duas instituições - a Secretaria de Trabalho e Direitos Humanos (STDH) do GDF e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop-DF) - em seu projeto.

Transformação

A diretora de Desenvolvimento Empresarial da STDH, Cecília Albano Cordeiro, atua na articulação do projeto com diversas entidades, inclusive na busca de financiamentos. Por sua vez, o superintendente do SESCOOP-DF, Remy Gorga Neto, além de participar da qualificação em cooperativismo dos pescadores, fez uma monografia de pós-graduação na Universidade de Brasília, cujo tema é a criação da Cooperlap e contém todo o estudo de viabilidade econômica da entidade.

Os integrantes da Coopelap fazem parte de um grupo de 70, licenciados para a pesca profissional em um curso promovido conjuntamente pela STDH, Companhia de Saneamento do Distrito Federal (Caesb) e pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Segundo Cecília Cordeiro, para fomentar a criação da cooperativa, foi necessário trabalhar a auto-estima dos pescadores, bem como a capacidade de gestão. "Como a instrução é baixa, recorremos a uma metodologia chamada aprendizagem por ação, com muitas dinâmicas", afirma.

Mais que a criação de uma mentalidade empreendedora, o superintendente do SESCOOP, enfatiza que difícil foi despertar a mentalidade cooperativa entre os pescadores. "Eles cresceram e se constituíram em um ambiente de extrema competição. Nosso maior desafio foi trabalhar a diminuição da competição interna do grupo", recorda.

Pescador no Lago Paranoá

desde os dez anos de idade, Marivon Medeiros da Silva, hoje com 32 anos, avalia que a vida mudou 180 graus. "Eu vivia levando pancada da Polícia Florestal. Perdia o pescado, tarrafa, barco para eles. Agora trabalho amparado por eles e consigo, em bem menos tempo de pesca, tirar o suficiente para o sustento. Tá 1.000% melhor e pode ficar mais ainda", diz, confiante.

Com 35 anos de idade, o presidente da Cooperlap, Geraldo Ângelo Figueredo, é um dos campeões de produtividade. Com média de 30 kg pescados diariamente, ele chega a obter uma renda mensal na casa de R\$ 1,9 mil e acredita que com algumas mudanças, todos podem obter rendimento semelhante. "Precisamos primeiro de mais área para pescar. Hoje só podemos jogar a tarrafa em duas áreas e que não são as que têm mais peixe", queixa-se.

(rfuente@gazetamercantil.com.br)